

RESENHA

A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE¹

Sabrina Hax Duro Rosa*

A temática do livro *A identidade cultural na pós-modernidade* abarca uma questão extremamente complexa, pois, para melhor entendê-la, necessitamos refletir a respeito de o que é *identidade*, o que é *cultural* e o que é *pós-moderno*.

O autor da obra, Stuart Hall, é capaz de tratar o assunto de maneira didática e clara, fazendo com que o leitor alcance um entendimento do proposto. Isso se dá devido à vasta experiência de Hall na área. Nascido na Jamaica, é um teórico cultural que trabalha no Reino Unido, tendo sido um dos fundadores do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, da Universidade de Birmingham, Inglaterra, local onde os estudos culturais foram iniciados, sendo seu diretor de 1970 a 1979. Algumas de suas obras-chave que influenciaram a área de estudos culturais, dos meios de comunicação, assim como o debate político foram: *The Hard Road to Renewal* (1988), *Resistance through Rituals* (1989), *The formation of Modernity* (1992), *Questions of Cultural Identity* (1996) e *Cultural Representations and Signifying Practices* (1997).

Por meio desta obra, Hall explora algumas das questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avalia se existe uma “crise de identidade”, em que consiste essa crise e qual o rumo que está tomando. Portanto, o assunto é objeto de estudo e de interesse de pesquisadores das diferentes áreas do saber como sociologia (MATTELART e NEVEU, 2006), filosofia (FOUCAULT, 1986; MORAIS, 1992), antropologia (GEERTTZ, 1989), psicologia (PINKER, 1995) e linguística (GARCEZ, 2000; SCHLATTER, 2000; KRAMSCH, 1998). O autor ainda tem a humildade de reconhecer que “como muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirma-

¹ - HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 104 p. Tradução de: The question of cultural identity.

* - Formada em Letras – habilitação Português e Inglês e mestre em Linguística Aplicada pela UCPel, professora do curso de Graduação em Análise e Desenvolvimento de Sistemas da FATEC Pelotas. sabrinadrosa@hotmail.com

ções conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas” (p. 8 e 9) em seu livro. Isso faz com que o leitor reflita e tire suas conclusões a cada capítulo da obra.

Aos Linguistas Aplicados, em especial aos que trabalham com Língua Estrangeira (LE), a obra é de grande valor, pois apresenta ao leitor aspectos que são importantes e têm influência no aprendizado da Língua Alvo (LA) como, por exemplo, o alerta para a importância de compreender a identidade e a cultura do aprendiz, bem como a identidade e a cultura do povo que fala a LA.

Hall faz com que o leitor acompanhe a evolução do sujeito: do sujeito do Iluminismo – centrado, unificado, autossuficiente; do sujeito sociológico – dependente do outro para sua formação e transformação como indivíduo pertencente àquela comunidade e, portanto, àquela cultura; e do sujeito pós-moderno – interpelado pelas múltiplas representações culturais e identidades cambiantes. O sujeito pós-moderno, portanto, vive uma “crise de identidade” devido à mudança estrutural das sociedades modernas, levando à descentração do sujeito, ou seja, à “perda de um sentido de si”.

O descentramento do sujeito da modernidade tardia (a segunda metade do século XX) é resultado de cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridas nessa mesma época. A primeira descentração foi influenciada pelo pensamento marxista do século XIX: “[...] os homens fazem a sua história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas” (p. 34). Essa afirmação foi reinterpretada no século XX como um argumento de que o sujeito não é dono da sua própria história, pois vive a história criada e recriada por outros, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos pelas gerações passadas.

O segundo descentramento vem de Freud com sua teoria do inconsciente. Essa teoria é lida por Jacques Lacan como o motor que gera a identidade do sujeito por meio da “formação do eu no ‘olhar’ do Outro”, mostrando que a identidade muda de acordo com as representações que nos são oferecidas e as quais interpretamos – “incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual”.

O terceiro descentramento foi influenciado pelo trabalho do linguista Ferdinand Saussure que argumentava que nós não somos “autores” do que dizemos. A língua é um sistema social e ao utilizá-la ativamos os significados que já estão inseridos em nossa língua e em nossos sistemas culturais.

O quarto descentramento ocorre no trabalho do filósofo e historiador francês Michel Foucault que declara a instituição do “poder disciplinar”.

Esse poder está preocupado em regular a espécie humana, bem como cada indivíduo e seu corpo, disciplinando as populações modernas por meio de estruturas físicas concretas, mas que aprisionam também a psique do indivíduo – prisões, escolas, quartéis, hospitais, entre outros aparelhos bem conhecidos em nossa sociedade moderna.

O quinto descentramento é o movimento feminista, pois faz parte do grupo de “novos movimentos sociais” questionando questões políticas, sociais e culturais, trazendo um novo conceito de identidade para a modernidade tardia.

Esse sentimento do sujeito ter múltiplas identidades dentro da sua própria comunidade ainda é maior quando visualizamos “os fluxos culturais” entre as nações criando as “identidades partilhadas”. Portanto, a ideia de que temos uma identidade cultural nacional pura é um mito, ou como Hall afirma, “imaginada”. De acordo com o autor:

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (p. 50 e 51).

Um fator que está deslocando as identidades culturais nacionais é o que se convencionou chamar de “globalização”. A globalização se refere àqueles aspectos que ultrapassam as fronteiras das nações, mesclando-as e conectando-as de forma que não há mais uma interferência de espaço e tempo. Essa “interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais [...] [acarretando] no impermanente [...] e no pluralismo cultural [...]” (p. 73).

Entretanto, não se deve pensar que as identidades culturais se extinguiram. O que acontece é uma nova representação ou identidade que está em constante movimento devido ao “bombardeio” de informações e consumos que os países lançam – principalmente os países dominantes do Ocidente.

É estranho imaginar que ao mesmo tempo em que há esta “homogeneização global” existe uma atração pela diferença, mas é isso que acontece. As comunidades culturais buscam como atrativo o que têm de diferencial

e geralmente se orgulham disso – suas vitórias, suas tragédias, suas crenças, seus valores e tudo mais que as façam acreditar serem nações unificadas e, portanto, formando a cultura nacional. “[...] ao produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar [...]” (p. 51), construímos nossa identidade.

O autor argumenta que “[...] ao invés de pensar no global como ‘substituindo’ o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre ‘o global’ e ‘o local’ [produzindo, simultaneamente] novas identificações ‘locais’” (p. 78).

Hall conclui seu livro expondo que a globalização está, de fato, mexendo com as identidades culturais dos sujeitos, mas seu descentramento ainda é lento para dar fim às “comunidades imaginadas”.

O livro instiga o leitor a uma reflexão participativa, pois podemos imaginar e até visualizar nossa própria identidade cultural no mundo globalizado. Entretanto, como o autor mesmo coloca no início da obra, as suas formulações são provisórias e abertas à contestação, assim como tudo que diz respeito ao ser humano.

Referências

FOUCAULT, M. The subject and power. In: DREYFUS, J e RABINOW, P. *Michel Foucault: Beyond structuralism and Hermeneutics*. Brighton: Harvester, 1986.

GARCEZ, P. Cultura invisível e variação cultural na fala-em-interação social: o que os educadores da linguagem têm a ver com isso. In: INDURSKY, F. *Discurso, memória e identidade*. Coleção Ensaios. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KRAMSCH, C. *Language and Culture*. Oxford University Press, 1998.

MATTELART, A. e NEVEU, E. *Introdução aos estudos culturais*. Tradução de Marcos Marcionilo. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MORAIS, R. *Estudos de filosofia da cultura*. São Paulo: Loyola, 1992.

PINKER, S. *The language instinct*. Collins, 1995.

SCHLATTER, M. Inimiga ou aliada? O papel da cultura no ensino da Língua Estrangeira. In: INDURSKY, F. *Discurso, memória e identidade*. Coleção Ensaios. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.